

Bruno Bimbi

O FIM DO ARMÁRIO

Lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI



Garamond

Bruno Bimbi

O FIM DO ARMÁRIO

Lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI

Tradução
Ari Roitman

G a r a m o n d

Titulo original: *El fin del armario* (Marea, 2017, Buenos Aires)
Edição brasileira revista e adaptada pelo autor

Copyright © 2017, Bruno Bimbi
Direitos cedidos para esta edição à
Editora Garamond Ltda.
Rua Cândido de Oliveira, 43 – Rio Comprido
Cep: 20.261.115 – Rio de Janeiro, RJ
Telefax: (21) 2504-9211
E-mail: editora@garamond.com.br

Revisão
Alberto Almeida

Editoração Eletrônica
Estúdio Garamond

Capa
Bruno Bimbi
Sobre foto de Marcos Mesa / Sam Wordley / Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
DO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B497f

Bimbi, Bruno
O fim do armário : lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI / Bruno Bimbi. - 1.
ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2017.
264 p. ; 23 cm.
ISBN 9788576174561
1. Ensaio brasileiro. I. Título.
17-46363

CDD:869.94
CDU: 821.134.3(81)-4

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

Prólogo	9
A título de introdução	11
1. Gaykipedia	19
2. <i>Pride</i>	109
3. Veados e judeus	131
4. O ódio	159
5. Em nome de Deus	171
6. Escrito no corpo	237
Epílogo <i>in memoriam</i>	259

Para Pedro Zerolo

PRÓLOGO

Este livro é um rio de três afluentes que chegam ao mar da época. Um desses afluentes é um panteão de ilustres: do papa Bergoglio a Zerolo, passando por Jóhanna Sigurðardóttir, Ernesto Meccia, Bronski Beat, monsenhor Aguer, Alan Turing, Billy Elliot, Mariela Castro ou James Franco: o guia pop de Bruno Bimbi tem todos os nomes da iconografia do nosso tempo de mudança de milênio que imprime para sempre um momento-pivô na história da vida sexual da humanidade. Claramente, um momento em que os humanos deixam de ser e estar como eram para ser e estar de outra maneira, ou, para dizer mais rapidamente: o fim do armário. As forças que empurram para fora e para dentro a porta do armário.

Há responsáveis por mudanças, avanços e retrocessos. Não há indiferentes.

Bruno Bimbi ilumina o gesto que inscreve esses personagens no grande cabo de guerra pela liberdade que transcorre nestes tempos: o legislador homofóbico americano Randy Boehning de olho no Grindr, Renato Russo cantando “eu gosto de meninos e meninas”, o presidente venezuelano Nicolás Maduro gritando em cadeia nacional: “Eu tenho uma esposa! Eu gosto de mulher!”, o presidente do Bayern de Munique incentivando seus jogadores a saírem do armário. Bruno pega esse álbum de fotografias, arruma e traça então um percurso pela sexualidade da virada de milênio.

Mas, como Bimbi é inquieto – chegando ao exagero, dizemos nós, que o conhecemos –, não fica nisso. Não retrata só os nomes conhecidos, os figurões que incentivam ou desalentam com suas decisões o comportamento de milhões. O segundo dos afluentes de que ele se serve é formado, justamente, por esses milhões de anônimos. Este livro conta as consequências daquelas fotos de ilustres no filme diário que se vive no mundo todo. Assim aparecem Nicole; Camila; Bruno Sebastián; Gato Real e sua busca pela internet na noite do Rio de Janeiro; a odisseia de Zulema no Equador; o assassinato de Dani Zamudio no Chile ou de

David Kato na Uganda; as festas regadas a chocolate quente dos ursos do bairro de San Cristóbal, em Buenos Aires. O pessoal que protagoniza a luta do armário; aqueles que são ao mesmo tempo receptores e artífices desse caleidoscópio gay. Este livro situa os que escapam à norma sexual e os ressignifica. “São as pessoas atrás dos números” da vida gay. É a confirmação de que tudo, afinal de contas, transcorre para além de notícias, revoluções ou silêncios. Redefinindo o termo “escândalo”, limpando o matagal de preconceito e maldade, o que resta são vidas comuns tentando encontrar um lugar ao sol.

Mas este é um livro de Bruno Bimbi, que sempre tem algo mais a dizer. Então aparece o terceiro afluente deste rio, outra maneira de descrever o fim do armário. Este livro, que descreve personagens e pessoas, também se revela como um eficaz dicionário de conceitos que rondam a época, que a definem e determinam. É impossível falar do fim do armário, e Bimbi sabe disso, sem ser muito gráfico com conceitos como *bullying*, *bears*, *coming out*, *petting*, *outing*, *Stonewall*, *dark room* e *don't ask, don't tell* (também não deve ser por acaso que as palavras do novo milênio sejam em inglês). Todos estes conceitos abrem portas que levarão à porta do armário pelo lado de dentro. É nessas páginas que Bimbi deixa seu caráter de fotógrafo do momento e se assume claramente como polemista. Foi chamado para o jogo. Alguma vez discuti com Bruno por algum destes conceitos. Com honestidade, ele descreve cada situação, cada ponto de vista sem ocultar nada e sem jogar com cartas marcadas. Novos debates para essas novas realidades que aparecem quando o mundo sai do armário. O que este rio arrasta, a ponto de chegar ao mar.

O fim do armário é um documento de época, um álbum de fotografias, um filme inconcluso. E é também o testemunho mais claro e contundente de que nada mais será como antes.

Oswaldo Bazán

*Jornalista e escritor. Autor de
“Historia de la homosexualidad en la Argentina”*

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Adolescências roubadas

Estávamos reunidos numa praça. Éramos colegas de colégio e estávamos formando uma agremiação estudantil. Era quase de noite.

O menino louro me chamou tanto a atenção que, de repente, esqueci o que estávamos discutindo, sem entender nem me perguntar por quê. Soube apenas – assim, sem ter dúvidas – que nós ficaríamos amigos, porque “amigo” era a única coisa que eu concebia ser de outro menino. Não entendia por que tinha um desejo tão forte de começar uma amizade com alguém que mal conhecia, mas o fato é que ficamos muito amigos.

Quando a nossa amizade já era tão importante que não entendíamos como viver sem ela, o menino louro me convenceu daquilo que minhas colegas não tinham conseguido: que usasse roupa mais moderna, que cortasse o cabelo mais na onda, que além de ir às reuniões do centro de estudantes, fosse a boates e festas, que fizesse coisas proibidas para menores de dezoito anos, que me divertisse mais. E comecei a me vestir com a roupa que ele me dava, cortei o cabelo igual ao dele, saí com ele para dançar, e nos divertimos juntos.

Ele pegava todas as garotas. Eu o acompanhava, esperava, escutava quando me contava; não me dava conta. Um dia estávamos deitados na varanda da sua casa e ele me disse que estava com tanto tesão – éramos adolescentes, os hormônios enlouquecidos – que transaria até comigo, e hoje lembro que pensei uma coisa que na hora não registrei que tinha pensado. Sim, pensei. Foi um *flash*, um impulso, um calafrio; depois, a censura e o esquecimento, tudo numa fração de segundo. Não respondi. Mudamos de assunto, o tempo passou e ele continuou trocando de namoradas e eu fui eleito secretário-geral da juventude do partido e um dia percebi que já tinha vinte e três anos e o sexo era uma coisa chata.

O sexo era uma coisa chata.

Era como uma promessa não cumprida. Eu fazia o meu papel, mais por obrigação que por vontade, imitando os outros, mas não recebia em troca os prazeres que meu amigo me contava após suas incursões no corpo feminino. O pior era o beijo: não tinha gosto de nada. Era um procedimento necessário para depois meter, um ingresso que era preciso pagar para passar ao nível seguinte, com certa satisfação física seguida de uma incompreensível sensação de que alguma coisa não estava funcionando. A adolescência terminou e não cheguei a descobrir o código da fechadura que abria a porta do paraíso que meu amigo jurava que existia e eu, claro, fingia conhecer.

Anos depois, certa noite, por acaso – ou talvez não –, outro amigo heterossexual me levou para conhecer uma boate gay. Fui porque ele insistiu que era divertido, mas eu não era de ir a lugares *de veado*. Mas voltei, com desculpas tão ruins como as que justificaram naquela noite meu interesse pelo louro. E pouco depois, um amigo de outro amigo, na boate *de veado*, não acreditou que eu não tinha nada a ver e tentou várias vezes me dar um beijo, até que a testosterona cruzou com uma bolha de champanha numa corrente sanguínea acelerada e eu não aguentei mais. Por que não iria deixar se eu também estava morrendo de vontade?

A descoberta foi instantânea: *aquilo* é que era o beijo.

Depois, claro, o sexo; a fechadura se abriu. Não era chato! Estavam ali os prazeres de que falava o meu amigo louro. Tal qual. E então não precisava mais me dar conta de nada; a censura tinha evaporado. Havia alguma coisa que não tinha acontecido naqueles anos da minha adolescência e, quando finalmente tudo ficou claro, senti que ela tinha sido roubada. De todas as coisas da vida que proibiram aos gays, a adolescência é a mais injusta.

Quero que devolvam a minha adolescência.

Quero viver cada experiência no momento certo, ter meu primeiro namorado na mesma idade em que meus amigos tiveram sua primeira namorada, e que os primeiros beijos sejam desajeitados, experimentais, cheios de surpresas, e descobrir o sexo com inocência e ficar bêbado sem ter idade para isso, e receber advertências que não sejam por uma causa justa, mas por uma divertida, e fazer coisas proibidas para menores de dezoito antes de completar dezoito anos. Quero que o garoto louro volte a me dizer que está com tanto tesão que transaria comigo, e transar com ele na sua casa, naquela tarde, em pleno verão, em plena adolescência, com os hormônios enlouquecidos.

As experiências perdidas são irrecuperáveis, porque nunca mais estaremos lá para saber como teriam sido. Quando falamos de educação sexual na escola, que tanto assusta os dinossauros, aquela que eu não tive, estamos falando também dessas adolescências não realizadas, desses desejos censurados, dessas experiências não vividas. Para o bem dos garotos que ainda estão a tempo de não perdê-las, de se livrar do armário, de amadurecer sem fantasmas medievais a persegui-los, precisamos romper as barreiras que fazem da nossa sociedade um lugar menos amigável para alguns.

Num filme que o pessoal da Johnson & Johnson projetou para nós como aula de educação sexual no primeiro ano faltava uma parte da história. Eles nos mentiram, porque nos contaram um mundo no qual *nós* não existíamos. Tiraram o nosso direito de viver as mesmas coisas que os nossos amigos viviam enquanto nós as perdíamos porque só vinham em formato menino + menina e ninguém tinha nos avisado que possivelmente podíamos ser – e não havia nada de errado nisso – diferentes.

- What's a faggot?

- A faggot is a word used to make gay people feel bad.

- Am I a faggot?

- You might be gay but don't let anyone ever call you a faggot... You don't need to know right now.

(Diálogo entre Juan e o pequeno Chiron no filme Moonlight, sob a luz do luar)

Não há uma primeira vez para entrar no armário; já nascemos lá dentro. Quando ainda não sabemos – e nem teríamos como saber, porque a sexualidade ainda não faz parte das nossas preocupações e não conhecemos as palavras necessárias para falar dela –, já há um armário invisível construído à nossa volta.

A suposição é o ponto de partida. Supõe-se que esse bebê com genitália masculina um dia será um homem; que aquele com genitália feminina será uma mulher; que esse futuro senhor terá uma esposa, que essa futura senhora será a esposa de algum senhor. O armário da nossa infância vem com cores, jogos, brinquedos, contos infantis com príncipe e princesa, expectativas e planos dos nossos pais, amigos, professores e um tio ou tia que em toda festa de aniversário nos pergunta se já temos namorada, porque é óbvio que não existe outra possibilidade. A suposição se transforma num destino que assumimos como meta, aquilo que vamos ser quando formos grandes.

O *bullying* homofóbico começa antes de podermos entendê-lo. “O que é um veado?”, pergunta Chiron a Juan no filme *Moonlight*, e depois: “Eu sou veado?”. No momento em que escutamos o primeiro insulto homofóbico, não sabíamos que éramos gays, nem o que era ser gay, mas começamos a intuir que, se fôssemos *isso*, nos daríamos mal. Que os outros não iam gostar, principalmente nossa família. Como escreve Osvaldo Bazán em sua *História da homossexualidade na Argentina*:

O menino judeu sofre a estupidez do mundo e volta para casa e na sua casa seus pais judeus lhe dizem “estúpido é o mundo, não você”. E lhe falam por que esta noite não é como todas as noites e lhe contam daquela vez em que tiveram que sair correndo e o pão não fermentou. Dão a ele uma lista de valores e tradições e lhe dizem: “Você está aqui”. E vai saber, o menino judeu, que não está sozinho. O menino negro sofre a estupidez do mundo e volta para casa e na sua casa seus pais negros lhe dizem “estúpido é o mundo, não você”. E lhe falam do berço da humanidade, de um navio, uma guerra. Dão a ele uma lista de valores e tradições e lhe dizem: “Você está aqui”. E vai saber que não está sozinho. O menino homossexual sofre a estupidez do mundo e nem pensa em falar com seus pais. Imagina que vão ficar zangados. Ele não sabe por quê, mas vão ficar zangados.

O primeiro armário do qual se precisa sair – o único de onde basta sair uma vez – é o armário interior. Pensar “sou gay” e não ter medo de saber que é verdade. Nunca aconteceu que, antes de saber disso, você tenha visto um cara muito gato e, sem pedir licença à cabeça, seus olhos se mexeram para olhar? Você não pensou, então, “que camiseta bonita está usando!”, quando o que realmente interessava era o cara que a vestia? Se você é heterossexual, isso jamais lhe aconteceu: quando via uma garota gostosa, não apenas não precisava se enganar, mas podia dizer isso em voz alta e desfrutar da cumplicidade dos outros. Há um monte de esforços mentais que você nunca teve que fazer para se descobrir, entender e, depois, dividir essa informação com os outros.

O armário interior, por incrível que pareça, resiste às evidências mais óbvias. Um garoto se masturba olhando pornografia gay mas não reconhece que gosta de homens, ou faz sexo no banheiro da *The Week* e depois se convence de que foi o álcool. Ainda me lembro de um diálogo muito engraçado com um cara que conheci há muitos anos:

– Não me confunda, eu sou hétero – ele me disse.

– Tudo bem, mas isso que você estava chupando agora mesmo se chama “pau” – respondi, embora entendesse o que estava lhe acontecendo, porque eu já tinha sido ele.

Depois de sair do armário interior, chega o momento de entender que isso que nós somos não tem nada de errado – se na sua casa e na sua escola não lhe ensinaram o contrário, vai ser muito mais fácil –, que ser gay é tão normal e natural como ser hétero e que está tudo bem. Transformar a vergonha em orgulho é algo que nem todos conseguem, mas é imprescindível para levar uma vida saudável e feliz, defender-se da estupidez alheia, manter a autoestima em seu lugar e não se resignar a ser tratado como cidadão de segunda.

Quando, finalmente, estamos do lado de fora do armário e temos clareza disso, devemos decidir quando, como e a quem contar, e responder a todas essas perguntas incríveis que nos fazem (“quando você está com um cara, quem faz o papel de mulher?”, “é verdade que os gays querem ser mulheres?”). Às vezes precisamos assumir uma função pedagógica, desarmando os mitos e explicando que não somos extraterrestres. E, portanto, precisamos saber disso nós mesmos.

Mas, depois, parece que o armário não termina nunca. A presunção de heterossexualidade é o truque que o faz reaparecer, como essas velinhas de aniversário que se acendem de novo depois de apagadas. Podemos ter feito o nosso *coming out* com todo mundo, mas basta mudar de bairro, começar um curso de idioma ou trocar de emprego para que, sem termos feito ou dito coisa nenhuma, todos pressuponham, de novo, que somos héteros. E não é um detalhe; é mais estressante do que parece. Talvez seja por isso que alguns gays desenvolvem uma personalidade exageradamente masculina que os preserva das suspeitas dos outros, como a versão adulta de Chiron em *Moonlight*.

Sei que, para alguns espectadores, esse personagem pode ter parecido inverossímil; para mim, não. Achei brilhante. Lembro que uma noite, no Brooklyn, decidi ir a uma boate gay que encontrei no Google Maps, sem muitas referências. Quando cheguei, a mulher que recebia os clientes na porta me perguntou: “*Are you sure you know where you are?*”, e para dizer a verdade eu não sabia, mas respondi que sim. Quando entrei, percebi que era o único branco no lugar. Os clientes se pareciam bastante com *Black*, o Chiron adulto do filme, e se vestiam e se comportavam como ele. Era uma boate gay, só havia homens, mas em toda a noite não vi um só beijo. Parecia que estavam todos fingindo, embora todos soubessem que todos sabiam. O armário é poderoso.

Também há outros que, pelo contrário, são tão afeminados que não precisam explicar nada a ninguém – mas não vou dizer que seja sempre por isso –, e assim poupam tempo e energia. Num episódio da mítica série gay *Queer as folk*, Ted diz a Emmett que é difícil sair do armário a toda hora, e o amigo lhe responde que nunca teve esse problema, porque quando o pessoal o vê, já sabe. Outro personagem, Michael, não consegue se abrir com uma colega de trabalho que está apaixonada por ele, e isso lhe traz mil problemas.

Para os que não são como Emmett e, por alguma razão, ao menos em parte da sua vida social – talvez na família ou no escritório –, preferem não dizer nada, o esforço é muito maior do que qualquer heterossexual possa imaginar. Pensem na quantidade de vezes por dia que você precisaria mentir ou tomar cuidado com suas palavras em qualquer conversa cotidiana para que ninguém descubra se você gosta de homem ou de mulher. “O que fez no fim de semana?”, “Você é casado?”, “Olha como é gostosa”.

Quantas das coisas que você normalmente faz ou diz todo dia deveria evitar?

A jornalista Fernanda Mel escreveu uma vez que se um casal hétero vai ao supermercado e ela diz a ele: “Não esquece de pegar café, *meu amor*”, ninguém presta atenção, mas se forem duas mulheres, a mesma frase soa como pegar um megafone, subir num banquinho e gritar: “Somos lésbicas!”.

O armário funciona como muralha entre o público e o privado. Qualquer casal hétero anda de mãos dadas pela rua, em qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, mas esse gesto simples pode ser perigoso para um casal gay. De noite na avenida Paulista, em São Paulo, um evangélico fanático pode quebrar sua cabeça com uma luminária. No Irã ou na Arábia Saudita, você pode ser condenado à morte. Na Rússia, pode ser preso. Em outros lugares já não existem esses perigos, mas o simples fato de segurar a mão do namorado significa provocar olhares, risadas, comentários – ou pelo menos você tem que estar preparado para isso. Para um casal hétero, não significa nada mais que um gesto de carinho, invisível para os outros.

Dar um beijo no namorado dentro de um restaurante ou no cinema pode provocar uma discussão com outro cliente ou com algum funcionário homofóbico, e podem até expulsá-los do lugar. Não vai faltar quem diga: “Não estão vendo que tem criança aqui?”, como se nós, quando crianças, não tivéssemos visto milhares de casais de homem e mulher se beijando na rua, na televisão, no cinema, e até nas histórias infantis, sem que isso nos transformasse magicamente em heterossexuais; como se a orientação sexual fosse aprendida por

imitação. E há outros que dizem: “Não me incomodo que vocês sejam gays, mas não precisam se exhibir. Façam o que quiserem entre quatro paredes”. As quatro paredes dos heterossexuais são o mundo inteiro.

Apesar de tudo o que mudou nos últimos tempos, o armário continua sendo o refúgio de muita gente. Inclusive daqueles que estão em posição privilegiada. Conheço políticos, artistas e jornalistas que são gays ou lésbicas e preferem não dizer porque, embora esse fato não ameace sua segurança nem seu emprego, a homossexualidade ainda é, em maior ou menor medida, um estigma. E alguns têm mais dificuldade que outros.

Por isso, assim como nascemos no armário, tem gente que morre lá dentro. O filme israelense *Yossi and Jagger*, de Eytan Fox, conta isso com uma metáfora extraordinária. Seus protagonistas são dois soldados do exército de Israel, servindo na linha de fronteira com o Líbano, que vivem seu amor às escondidas, protegendo-se ao mesmo tempo dos olhos e ouvidos dos seus companheiros e das balas do inimigo. Jagger morre em combate, e Yossi, que além de ser namorado dele era seu comandante, tem que comunicar o fato à família. Ao lado da mãe do soldado está presente uma jovem que era apaixonada por ele. A moça achava que ele sentia o mesmo por ela mas não tinha coragem de falar. A mãe de Jagger diz que há muitas coisas na vida do seu filho que nunca vai chegar a conhecer, e pergunta à garota qual era a canção favorita dele. Ela não sabe, e Yossi, que até esse momento estava calado, responde: “*Come*, de Rita, é a canção de que ele mais gostava”.

O título deste livro, *O fim do armário*, é ao mesmo tempo uma crônica de época e uma manifestação de desejos. O primeiro porque, como podemos constatar deste lado do mundo – longe dos regimes totalitários e das teocracias fundamentalistas do Oriente –, sair do armário é cada vez mais fácil. A Grã-Bretanha que condenou Alan Turing à castração química por ser homossexual tem hoje casamento igualitário, e o pequeno *pub* onde, em 1969, gays, lésbicas e travestis enfrentaram violentamente a polícia de Nova Iorque é hoje um monumento histórico nacional que recorda essa rebelião.

O nosso lado do mundo é um lugar cada dia melhor e mais amigável.

A Argentina, país onde eu nasci, também mudou, a passos muito acelerados, nos últimos anos, e hoje tem a legislação sobre direitos civis da população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e trans) mais avançada do mundo, embora ainda falte avançar muito em questões que não dependem apenas da lei. O fim do armário parece mais perto, e as novas gerações, protagonistas do que o sociólogo Ernes-

to Meccia define como passagem da homossexualidade à *gaycidade*, saem mais cedo e com mais naturalidade. Hoje não é mais tão estranho que um adolescente gay leve seu namorado para jantar na casa dos pais, algo que era impensável alguns anos atrás. Os que nos antecederam começaram o caminho que os levou da vergonha ao orgulho, abrindo o caminho da luta definitiva por direitos civis que estamos vendo triunfar nestes anos. E a próxima geração estará muitíssimo melhor. Ainda não chegamos lá, mas cada dia parece mais perto esse novo mundo onde os armários serão peças de museu.

Este livro fala sobre esse caminho, com seus avanços e retrocessos, e tenta explicar várias coisas que muita gente não conhece sobre o nosso mundo, contestando mitos, rindo de alguns tabus e estereótipos, denunciando os discursos de ódio que ainda conspiram contra o futuro, questionando o papel da religião, da política, dos meios de comunicação, da cultura, analisando as semelhanças entre o preconceito homofóbico e outros preconceitos, como o racismo e o antissemitismo, ressaltando algumas novidades desta época e contando histórias, o que às vezes é melhor que teorizar. Foi escrito pensando em leitores e leitoras de todas as orientações sexuais e identidades de gênero, de modo que não pres-supõe que nada seja óbvio.

Se depois de ler este livro você tiver menos preconceitos e mais informação que antes de começar, isto significará que funcionou. E então pode recomendá-lo a outra pessoa.

Agradeço a Constanza Brunet, da editora argentina Marea, e a Ari Roitman, da brasileira Garamond, pela possibilidade de publicá-lo. Também aos meus colegas da TV Todo Notícias, em cujo site escrevo há anos sobre estes temas com absoluta liberdade, além de trabalhar como correspondente no Brasil para os noticiários da televisão, fugindo da ideia de que ser um jornalista gay e sair do armário significa não poder falar de outra coisa. E, muito especialmente, a Carlos de Elía, que me abriu as portas do canal, e à minha editora, Fabiana Ramírez.

1. GAYKIPEDIA

As infinitas gavetas do armário

Quem faz o papel de mulher?

Algumas pessoas não entendem que os gays gostam de homens e as lésbicas, de mulheres. Parece óbvio, mas já me perguntaram muitas vezes:

– Quem faz o papel de homem e quem faz o de mulher?

Às vezes eu respondo, de cara séria:

– E com a sua namorada como é? Ela faz o papel de homem ou você de mulher?

– Oi?!

É que, raciocinando com a mesma lógica, eu deveria supor – porque gosto de homem – que a única explicação para que outro homem goste de uma mulher é que ela *faça o papel de* homem. Senão, como é possível? Mas há homens que gostam de mulheres *fazendo o papel de* mulheres, seja lá o que isto signifique. Acredite se quiser.

Perguntar quem faz o papel de mulher num casal gay é querer interpretá-lo partindo da impossibilidade do desejo homoerótico, como se para um homem gostar de outro homem um dos dois tenha que ser, de algum modo, feminino. Isto mesmo vale para quem pensa que, num casal de lésbicas, uma das duas “faz o papel de homem”.

De fato, uma passada rápida pelos sites de paquera gay surpreenderia muita gente: estão cheios de anúncios que dão destaque, às vezes de forma estereotipada e machista, à masculinidade. “Macho quer macho”. “Nada de afeminados”. O fato é que, num casal gay, os dois “fazem o papel de homem”, seja lá o que isto signifique. “Masculino” e “feminino” são duas categorias da linguagem, como “hétero”, “homo” e “bi”, com as quais tentamos enquadrar um universo muito mais complexo, cheio de tons de cinza e, sobretudo, de cores. Numa relação

entre dois homens, não há um que “faz o papel de mulher”, a menos que se trate de uma brincadeira ou fantasia sexual, o que também pode se dar numa cama hétero.

Ora!

E já que falamos em cama, é bom esclarecer que tudo o que foi dito acima não tem nada a ver com ser “ativo” ou “passivo”. Pensar que quem penetra é mais homem que quem é penetrado é, novamente, querer entender uma relação homossexual como se fosse heterossexual, ou seja, com um só pênis, e sem imaginação. Os papéis na cama nada têm a ver com a identidade de gênero nem fazem ninguém ganhar ou perder masculinidade.

Um amigo meu às vezes diz: “Eu não sou veado. Eu como os veados”.

Mas fala isto de brincadeira.

Além do mais, quem foi que disse que os papéis na cama devem ser fixos e excludentes? De novo: quando dois homens vão para a cama, há dois pênis. E os dois podem ser usados, de diferentes maneiras. Imaginar que alguém tem que anular automaticamente seu pênis para ir para a cama com outro é querer, mais uma vez, *heterossexualizar* uma relação que não é heterossexual.

E, vamos e venhamos!, entre um homem e uma mulher também podem acontecer muitas outras coisas. Foi para isso que inventaram os brinquedos que se vendem nos *sex shops* e a natureza, sábia, nos pôs cinco dedos em cada mão. Isto sem falar das travestis, que têm pênis e identidade de gênero feminina e, para quem não sabe, eu conto: a maioria dos clientes heterossexuais daquelas que se dedicam à prostituição quer ser penetrado. A sexualidade é mais complexa que os nossos dicionários, e as etiquetas não são suficientes para explicá-la.

Mas há uma versão mais radical da confusão que estamos considerando aqui: a de quem acha que os gays, no fundo, querem ser mulheres. De novo: não podem deixar de nos ver com óculos heterossexuais. Como se a única explicação para gostarmos de homem fosse que nós, de alguma forma, nos imaginamos do sexo oposto.

Sempre tentando reconstruir, seja como for, o molde menino + menina.

Lamento decepcioná-los. Eu gosto de homem e gosto de ser homem. Não consigo me imaginar como mulher. E o que me agrada em outros homens é sua masculinidade, mas isso, claro, é uma questão de gosto. Outros gays gostam de outras coisas.

Você assistiu ao filme *A pele que habito*, de Pedro Almodóvar? Os homens

que assistiram vão me entender. Quando Antonio Banderas disse: “vaginoplastia”, senti a mesma impressão que vocês. Quase lhes diria que me doeu.

E entre Vera e Vicente, escolho Vicente, que é um gato.

A “opção sexual”

É muito comum que se refiram à homossexualidade como uma “escolha” ou “opção sexual”. Entretanto, qualquer pessoa – seja gay, hétero ou bissexual – sabe que não escolheu: não houve um momento da vida em que, frente a dois caminhos possíveis, “decidiu” que ia gostar de mulher ou de homem, depois de pensar, consultar o horóscopo ou os amigos, buscar informação no Google, testar e ver como é, jogar cara ou coroa.

(Seja você gay ou hétero, pergunte a si mesmo: quando *decidiu?*, poderia ser o contrário? Se você gosta de mulher, poderia *decidir* que a partir de amanhã vai gostar de homem? Se você gosta de homem, poderia *decidir* que a partir de amanhã vai gostar de mulher? Pode se imaginar sendo diferente? Você não sabia disso, mais ou menos conscientemente, desde criança?).

O curioso é que ninguém fala da heterossexualidade como uma “opção”. Ninguém se pergunta qual é a “causa” da heterossexualidade. Os negros são “pessoas de cor”, os brancos são transparentes. E os héteros são os brancos da sexualidade.

Todos nós somos educados desde crianças para ser heterossexuais e todos os moldes que nos exibem, em casa ou na escola, vêm em formato menino + menina. Por isso, o que de fato acontece com gays e lésbicas é que, em algum momento, nós percebemos que não nos encaixamos nesses moldes. Não escolhemos, descobrimos. Os heterossexuais não precisam perceber nem descobrir nada, porque desde crianças lhes disseram que, se são homens, algum dia vão começar a sentir-se atraídos por mulheres e, se são mulheres, pelos homens – e isso acontece. Então seguem em frente. No nosso caso, disseram o mesmo, mas um dia vimos que era mentira: o que sentimos é diferente do que tinham nos contado. Não podemos, simplesmente, seguir em frente; temos que ver o que fazemos com isso que “acontece”.

Os heterossexuais não sentem que “aconteça” nada com eles.

Quando começamos a perceber que os nossos sentimentos contradizem as expectativas dos outros, nem todo mundo reage da mesma forma. Algumas pessoas “assumem” sua orientação homossexual desde pequenas ou na adolescência, e outras, ao contrário, fazem isso mais tarde, inclusive já bem adultos.